

Fernando Pessoa

A condição social moralista manifesta-se em três ordens de indivíduos:

Considerações pós-revolucionárias

A condição social moralista [?] manifesta-se em três ordens de indivíduos: os cínicos, os tristes e os idealistas políticos. Todos três são partes integrantes da corrente da decadência nacional a que a implantação da República veio dar a condição de se poder destruir. Todos três, sendo elementos decadentes, são elementos perniciosos e irracionais. Podem pertencer aos mais "avançados" do partido da República: são reaccionários contudo, porque o ser reaccionário vem de estar integrado numa corrente social decadente e retrógrada, não necessitando de ter uma opinião política ligada a instituições extintas ou em extinção. Basta, para compreender isto, que reparemos em que o sentimento, e não a razão, é que é basilar na vida social. Sendo assim, é pelo sentimento que se deve medir socialmente um indivíduo. Há o sentimento (...)

Toda a tristeza é reaccionária; todo o pessimismo é retrógrado — porque, como sentimentos, pertencem sempre à corrente social que é desintegrante na vida das sociedades.

O cínico que diz "olhem à diferença dos bens", o triste que diz "tudo está na mesma", o idealista político desenganado que murmura "mas isto é uma república à francesa" — todos estes, por republicanos que julguem ser, são realmente monárquicos, porque pertencem à corrente social decadente, cujo símbolo político é, e tem sido, no nosso tempo em Portugal, a monarquia. Todos manifestam uma morte — é a corrente social em que se integram. "Isto vai mal", segredam. Mas o sociólogo, que compreende isto, sabe que bom é que vá mal, e que o melhor que actualmente nos pode acontecer é isto não ir bem.

Todo o problema destes decadentes é útil só à monarquia — ora isto prova que está, sem o saber nem pensar, integrado na corrente cujo símbolo representativo é a monarquia. Pertence ao passado. E o passado não vive sem calma, (...), tristeza. [...] estas nossas anotações, quer de peritos republicanos que saiam, são apenas, junto ao gemido do passado que morre (...), o lamento

daquela parte do passado que quer, mas não sabe porque não pode, adaptar-se ao presente.

A falta de optimismo é, no nosso momento actual, o distintivo exacto da monarquia que pertence ao passado. Por muito que nos irrite ouvi-los, calemo-nos sobre eles. Pobres inadaptados.

s. d.

Da República (1910 — 1935) . Fernando Pessoa. (Recolha de textos de Maria Isabel Rocheta e Maria Paula Mourão. Introdução e organização de Joel Serrão). Lisboa: Ática, 1979: 10.